

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Vanda Maria Aparecida Gontijo Della Torre

MEMORIAL DE FORMAÇÃO:
CAMINHOS PARA A PEDAGOGIA

Taubaté – SP
2019

Vanda Maria Aparecida Gontijo Della Torre

Memorial apresentado para obtenção do
Certificado Graduação pelo curso de
Pedagogia do Departamento de Pedagogia
da Universidade de Taubaté.

Área: Educação

Orientadora: Prof^a. Dra. Suelene Regina
Donola Mendonça

**Taubaté – SP
2019**

Sistema integrado de Bibliotecas – SIBi/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Pedagogia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social

T689m Torre, Vanda Maria Aparecida Gontijo Della
Memorial de formação: caminhos para a Pedagogia. /
Vanda Maria Aparecida Gontijo Della Torre. – 2019.
41f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Pedagogia, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Suelene Regina Donola Mendonça ,
Departamento de Pedagogia.

1. Memórias. 2. Experiências. 3. Identidade. I.Título.

CDD – 370

VANDA MARIA APARECIDA GONTIJO DELLA TORRE
MEMORIAL DE FORMAÇÃO: CAMINHOS PARA A PEDAGOGIA

Memorial apresentado para obtenção do certificado de graduação pelo curso de Pedagogia do Departamento de Pedagogia da Universidade de Taubaté.

Área: Educação

Orientadora: Prof^a. Dra. Suelene Regina Donola Mendonça

Data: 04/07/2019

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Suelene Regina Donola Mendonça

Universidade de Taubaté

Assinatura_____

Prof. Me. Carlos Eduardo Reis Resende

Universidade de Taubaté

Assinatura_____

Profa. Esp. Sandra Aparecida Vitoriano

Universidade de Taubaté

Assinatura_____

Dedico esse Memorial aos que se sentem sós (sozinhos); jovens e estudantes, às vezes, excluídos de uma educação formadora de cidadãos e cidadãs.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus que me oportunizou a fazer o curso de graduação, sempre olhando por mim nos momentos mais decisivos da minha vida; e todos meus familiares numa contribuição direta ou indireta para alcançar o meu percurso na graduação.

Agradeço a todos os profissionais que estiveram comigo durante a minha trajetória na Faculdade de Educação de Bom Despacho (FACEB) MG, que me ofereceram apoio nos momentos necessários.

Agradeço, também meu esposo José Luiz companheiro de todas as horas, compreensivo nos momentos distantes, com a sua presença imprescindível: também aos meus pais que me educaram com amor e paciência, em especial meu pai com sua autoridade rígida, mas com o objetivo de educar-me com conduta ética e moral, para o desenvolvimento do caráter, (José Paulino); e ressaltando aqui, minha mãe, (*“Percília M. Gontijo”, in memoriam*); a primeira professora, que me alfabetizou de alfabeto de A Z.

A todos os professores do Curso de Pedagogia e Supervisores do PIBID da Universidade de Taubaté.

E um agradecimento especial a minha querida orientadora, Prof^a. Dra. Suelene Regina Donola Mendonça, pela sua forma peculiar, em auxiliar-me nos momentos imprescindíveis *da minha trajetória acadêmica*. Pela atenção, dedicação, paciência, me inspirando a confiança e apoio nos momentos que mais precisava.

Nesta perspectiva, em cada sujeito tem uma história de vida com relatos surpreendente, trazendo lições de sofrimento e superação em relação aprendizagem, quando existe um acolhimento e oportunidade para aprendê-lo com significado, abre a esperança de um destino promissor.

O presente trabalho foi alcançado com auxílios de muitos. A começar pela instituição, pelo PIBID, no que diz respeito às experiências e aprendizado de colegas e professores, bem como os alunos que compartilharam as suas vivências do seu cotidiano.

A todos mencionados e tantos outros que, de um modo ou outro, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Considerando o memorial como elemento importante de relato de experiências vivenciadas no período do primário (Ensino Fundamental), que configurou-se como o problema identidade, de origem das memórias adormecidas do passado da minha vida escolar, bem como as experiências no percurso acadêmico. Por que a Pedagogia? O objetivo desse memorial é identificar a minha história como elementos de leitura de mundo. Para tanto, procede-se a relatar as memórias vivenciadas no início da vida escolar e compreendidas por meio de várias leituras fundamentadas com visão analítico e crítico, com reflexão que dê conta de fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória pessoal e acadêmica-profissional para que se construa uma autobiografia de seu autor. Os resultados permitem concluir o reconhecimento do nome social pela justiça, dando equilíbrio as minhas inquietações e frustrações nas experiências escolares, que marcaram minha vida, como a identidade, que me nortearam entre sonho e a realidade na vida pessoal e profissional.

Palavra-chave: Memórias; Experiências; Identidade.

ABSTRACT

Considering the memorial as an important element in the report of experiences in the period of elementary school (Elementary School), which was configured as the identity problem, origin of the dormant memories of the past of my school life, as well as the experiences in the academic path. Why the pedagogy? The purpose of this memorial is to identify my story as elements of world reading. To this end, we proceed to report the memories lived at the beginning of the school life and understood through various readings based on an analytical and critical view, with reflection that account for facts and events that constituted the personal and academic-professional trajectory for which construct an autobiography of its author. The results allow us to conclude the recognition of the social name by justice, balancing my concerns and frustrations in the school experiences that marked my life, as the identity, which guided me between dream and reality in personal and professional life.

Keywords: Memories; Experiences; Identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Objetivos	10
1.1.1. Justificativa	11
1.1.2. Metodologia	12
2. DESENVOLVIMENTO	13
2.1. Formação Pessoal e Educacional	13
2.2 Ingresso na faculdade: uma nova perspectiva	27
2.3. As experiências na educação não formal	29
2.4. Estágio: da teoria à prática	35
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
4. REFERÊNCIAS	40

1. INTRODUÇÃO

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na Igreja ou escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos dias misturados a vida com a educação. Com uma ou várias: educação? Educadores. (BRANDÃO, 2013, p. 8).

Partindo do pensamento do autor, entendo que a educação existe em mundos distintos de maneiras diversas em sociedades tribais ou de aldeias, bem como as de comunidades, de agricultores, de caçadores e pastores nômades, ou seja, culturas diferentes, de vários países desenvolvidos, industrializados, e diferentes classes sociais. Ainda seguindo o pensamento do antropólogo; existe a educação em cada categoria de sujeitos de um povo.

A partir dessa perspectiva, proponho-me neste memorial de formação escolar compartilhar com o leitor as experiências escolares que marcaram minha vida, as dificuldades, frustrações, alegria e paixão que me guiaram entre sonho e a realidade na vida pessoal e profissional.

Quando decidi fazer o memorial de formação fui arremetida aos tempos elementares da minha infância e as lembranças do passado, que estavam adormecidas, que me afloram a mente

Partindo do problema de dificuldades de aprendizagem, vivenciadas no estágio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em 2016; inicie a pesquisa com a pergunta: o aluno que não aprende para onde vai? Continua na escola; ou desisti dela? Percebi por várias leituras que esse problema estava ligado o meu problema vivenciado no período início da minha vida escolar. Desse modo, foram feitas várias leituras de teóricos que apontavam esse problema como: (SOUZA, 2011; PATTO, 2015; BOURDIEU, 2003; FREIRE, 2017; COSTA, 2016; e outros) que me possibilitaram a compreensão de minhas vivências do início da vida escolar. Por isso, resolvi relatar as minhas memórias que configurou-se de em dois tópicos: identidade e o diagnóstico de dificuldade de aprendizagem naquele período da minha vida escolar. Buscou-se fazer algumas reflexões da minha vida escolar, e as minhas memórias no percurso da vida escolar e acadêmico, permeadas entre teoria e a prática.

Partindo desse pressuposto, esclarece Severino

O memorial de formação se constitui numa autobiografia, histórica e reflexiva. Deve ser composto sob a forma de relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor. (SEVERINO, 2000, p. 175 *apud* SANTOS, 2005, p. 3)

Nessa direção, Severino vem apontar o memorial de forma histórica: o relato analítico e crítico, com reflexão que dê conta de fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória pessoal e acadêmica-profissional para que se construa uma autobiografia de seu autor.

Desse modo, dou ênfase à maneira como fui alfabetizada, e como se desenvolveu este trabalho na prática da vida social e profissional.

Estabeleço as relações entre as fases mais marcantes de experimentação da vida escolar e até o percurso acadêmico, bem como o percurso dos 4 anos entre a mudança de duas faculdades, enriquecidas por experiências e vivências na vida acadêmica. E cada fase, se busca relacionar a prática com a teoria permeada pelos conflitos e inquietações vividas por mim.

Neste presente memorial irei elucidar ao leitor a escolha da área acadêmica o curso de Pedagogia e descrever como o curso contribui para a vida pessoal e profissional.

1.1. Objetivos

Objetivo geral:

- Identificar a minha história como elementos de leitura de mundo.

Objetivo específico:

- Caracterizar as experiências acadêmicas de forma significativa que entrelaçam à formação docente.
- Analisar as experiências vivenciadas, de forma analítica, e crítica no percurso da vida escolar.

1.1.1. Justificativa

A partir de várias leituras sobre a produção do fracasso escolar por teorias velhas como “dificuldade de aprendizagem das crianças mais empobrecidas”, conforme (PATTO, 2015), de incapacidade intelectual por ideologias burguesas capitalistas, e reproduzidas continuamente nas escolas brasileiras.

PATTO (2015), afirma em sua pesquisa, o resultado do fracasso escolar como “Hierarquização e exclusão” das crianças menos favorecidas, busca a psicologia diferencial, a genialidade hereditária, “teoria da carência cultural” apontas as crianças provenientes de meio social pobre, inúmeras deficiências, responsáveis pelo do fracasso escolar.

Desse modo, podemos compreender respaldados em (SOUZA, 2011) em tese de estudos nos anos 50 e 60, que a evasão, repetência escolar, não foi tratada como o fracasso escolar, e sim como seletividade, visando interesses da elite e governamental da época, passando a construção de sociedade desigual em relação às diferentes classes sociais.

A afirmação de exclusão vai de encontro no pensamento de (BOURDIEU, 1998) que mostra uma seleção direta ou indireta ao longo da escolarização. Portanto, segundo o autor, a escola exclui, de forma continua provocando a produção do fracasso escolar.

Partindo desse contexto, nas minhas inquietações sobre o fracasso escolar, fundamentadas pelos os autores mencionados acima e outros, me fizeram compreender nas leituras realizadas que meu problema de identidade estava relacionado com a exclusão escolar. Por isso, resolvi trocar de tema; escolhi o memorial, para apresentar minhas vivências no período da graduação, explorando as minhas memórias adormecidas no passado, que me nortearam para a compreensão dessas experiências, com novo olhar no processo de inclusão do nome social; que me fez buscar na justiça um equilíbrio na minha identidade.

1.1.2. Metodologia

Para o desenvolvimento da metodologia; foi elaborado o memorial por meio de pesquisa de memórias, ancoradas com as leituras realizadas de obras de vários autores, bem como os artigos estudados permeadas por experiências vivenciadas durante o período acadêmico.

Foi realizada pesquisas na educação não-formal com intenção de conhecer esse espaço; de forma reflexiva, analítica e crítica. E também as experiências vivenciadas no Programa PIBID, enriquecidas por meio de projetos, com fundamentos teóricos, explorado no ensino-aprendizagem.

Portanto, as minhas experiências entrelaçavam com as vivências dos educandos em sala de aula; e na educação não-formal fundamentadas com teóricos mencionados abaixo; iluminando as experiências vivenciadas neste percurso de forma refletiva, analítica, e elucidativas por esses teóricos; (BRANDÃO, 2013; LIBÂNEO, 2010; FERREIRO, 1999; ARCE, 2002; FREIRE, 2017; PATTO, 2015; e outros).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Formação Pessoal e Educacional

[...] a criança não tem condição de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo. (OLIVEIRA, 2003, p. 63).

Considerando a teoria de Vygotsky, de acordo com Oliveira (2003, p. 59) o conceito trazido que muito influenciou a escola, o conceito de “Zona de desenvolvimento proximal” (ZDP), que define a distância entre o “ nível de desenvolvimento real”, o qual determina pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o outro nível de desenvolvimento potencial”, determina a possibilidade de resolução de um problema sob o auxílio de um adulto, colaborador ou professor. A partir desses conceitos, irei a seguir relatar ao leitor um pouco da minha trajetória.

Nasci no dia 16 de dezembro de 1960 na cidade de Bom Despacho, interior de Minas Gerais, na região do alto São Francisco. Meu pai, José Alves Gontijo Filho, fazendeiro, aposentado pelo sistema rural. Meu pai cursou 4º ano primário (atual Ensino Fundamental I), foi expulso da escola, devido a indisciplina, entretanto, considerado pela sua professora muito inteligente. Devido ser um ótimo negociante; se tornou autodidata administrativo dos negócios da família. E minha mãe, *Percília Mesquita Gontijo, (in memoriam)*; enfermeira, fez o colégio técnico de enfermagem, para trabalhar no hospital Santa Casa de Misericórdia da cidade Bom Despacho/MG. Durante um período aproximado de 15 anos. Casou-se mais velha, no ano de 1959, foi morar numa fazenda, tornou-se dona de casa, deixou a vida profissional da Santa Casa para atrás. Mas, ela continuou fazendo trabalhos voluntários em comunidades carentes por ser parteira, e também auxiliando os familiares com serviços de enfermagem por alguns anos.

Já os meus avós paternos, eram analfabetos, mas priorizavam a escolarização dos filhos: a maioria dos meus tios foram estudar em escolas religiosas; devido a herança cultural de sacerdócios na família. Mais adiante, discutirei o cotidiano de escola religiosa.

Venho relatar ao leitor, como se deu a minha infância, a qual ocorreu numa fazenda até os seis anos, onde os objetos eram representados pela natureza e os

animais. As primeiras bonecas, feita de pano, pintadas e bordadas, e confeccionadas por uma tia paterna, professora de uma Escola Rural, onde dava aulas. Assim, o brincar fazia parte diária da minha infância, e também gostava muito de brincar sozinha, eu adorava dar aulas para minhas lindas bonecas de pano. Vale ressaltar que (OLIVEIRA, 2003) trata o brincar como aquisição do desenvolvimento do ensino-aprendizagem da criança. Isso me faz compreender a importância que teve o “faz-de-conta” na minha infância, por meio das fantasias em atividades do brincar, avancei mais no meu desenvolvimento.

[...] Vygotsky discute o papel do brinquedo, referente especificamente à brincadeira de “faz- de- conta”, como brincar de casinha, brincar de escolinha, brincar com cabo de vassoura como se fosse um cavalo. Faz referência a outros tipos de brinquedos, mas a brincadeira de “faz-de-conta” é privilegiada em discussão sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2003, p. 66)

Desse modo, por meio das leituras realizadas compreendi a importância do brincar no desenvolvimento de minha infância, vai além de uma simples brincadeira: o brinquedo forneceu-me situações de transições entre a ação com objetos concretos e as ações com significados. Como por exemplo: casinha, brincar de dirigir ônibus, brincar de esconde-esconde, de escolinha e diversos jogos, entre eles o jogo “das cinco Marias”, conhecido como o jogo “das pedrinhas” (Jogo de origem grega), foi ensinado pelos meus tios paternos, pode ser jogado sozinho ou em grupo. Esse jogo desenvolve a coordenação motora, com objetivo de relacionar quantidade de números, desenvolve a concentração e a persistência.

No ambiente familiar, os meus pais e meus avós foram muito dedicados, amorosos e pacientes comigo. Eu era uma criança muito inquieta; no sentido de ter ideias próprias. A minha mãe sempre atenta ao meu desenvolvimento, com objetivo de alcançar maior desempenho escolar, para ficar perto dela, por conta da tradição familiar de se estudar em escola religiosa. Pois, ela não queria que eu fosse estudar em escola religiosa. Minha mãe era muito estudiosa, leitora de livros: enfermagem, psicologia e filosofia, com objetivo de me educar. Além disso, sou a primeira filha dos sete irmãos. A primeira meta educativa dos meus pais, que se desenvolvesse o físico, para ter resistência, saúde através do contato com a natureza. Por isso, eu e meus irmãos poderíamos experimentar e vivenciar os fenômenos da natureza, diariamente com convívio familiar, sem a interferência escolar até os seis anos de idade.

Com quatro anos de idade adorava folhear os livros dela, sempre muito curiosa, queria saber de tudo. A minha diversão era ouvir atrás da porta, para saber o que os adultos discutiam. Por isso, a minha mãe ficava muito atenta, quando perguntava, sempre pronta para dar explicações.

Essas curiosidades foram desenvolvidas, por meio de explorações de materiais expostos para brincar, como: (papel, revista velhas, areia, tijolo, terra e sucatas); a partir disso, explorávamos os materiais para a criação dos nossos brinquedos, por exemplo: areia, construíamos pontes, cabo de vassoura era transformado em cavalo, e assim por diante. Pois, nossos pais não compravam brinquedos.

O brincar fazia parte de meu cotidiano durante a minha infância, brincar com meus irmãos, brincar com filhos de colonos da fazenda de meus pais, e de também de meus avós: com objetivo de socialização, sem segregação. Para começar, as brincadeiras eram enriquecidas explorando vários materiais para brincar: por exemplo, usamos farinha, ou polvilho para desenhar a amarelinha no chão, fazíamos pequenos buracos no chão para brincar com a bolinha de gude, brincar de vendinha, as folhas eram representadas pelo dinheiro e outras brincadeiras. Assim, o “faz-de-conta” fazia parte das brincadeiras, com regras combinadas no grupo. A brincadeira era compartilhada com todas as crianças da vizinhança: e também em várias festas como por exemplo: a festa junina (festa dos santos) e também nas vizinhanças próximas. Outro exemplo de brincadeiras: as cantigas de rodas; e o brincar de passar o anel, brincar de rodar pião, brincar de soltar pipa, confeccionadas pelo grupo de crianças, sem o auxílio dos adultos. MACEDO (2004, p.12), apresenta um questionamento: “por que jogos e brincadeiras de faz-de-conta são fundamentais ao desenvolvimento da criança”? Essas atividades indicam que as crianças já podem representar, na concepção de (PIAGET, 1991 *apud* MACEDO, 2004, p. 12), *que “já possuem a função simbólica”, como faz-de-conta representar uma nova forma de assimilação, ou seja, expressa a quantidade simbólica de nossa inteligência. Por isso, no faz-de-conta pode-se; imaginar, imitar, criar, com a possibilidades de substituir os objetos, criar acontecimentos de sua história.*

Representar significa poder tratar A como se fosse B, ou seja, substituir um objeto, pessoa ou acontecimento por seus equivalentes funcionais: outros objetos ou pessoas, encenações e toda sorte de faz-de-conta. Representar é uma nova forma de assimilação que expressa a qualidade simbólica de nossa inteligência. (PIAGET, 1991 *apud* MACEDO, 2004, p. 12).

Habitualmente o “faz-de-conta” fez parte do meu desenvolvimento na minha infância. Quando eu imaginava, fantasiava, criava diversas formas de brincar conforme mencionado anteriormente.

Com cinco anos de idade já recitava poesias, poemas (ensinadas pela minha mãe), recitava para os familiares, e também para os amigos de meus pais. Porém, sentia muita vergonha, mas, sempre recebia incentivo, estímulo dos meus pais, e avós. (FROEBEL, 1887, *apud* ARCE 2002, p. 108) afirma que “O bom jardineiro sabe “ouvir” as necessidades de cada planta e respeitar seu processo natural de desenvolvimento”. Foi assim que meus pais se dedicaram a mim como um jardineiro que cuida das plantas para o seu crescimento e desenvolvimento. Além disso, sempre frequentava a casa dos meus avós paternos; por ser a primeira neta. A minha avó me contava história: ora dos santos, ora dos animais, e também ensinava a rezar. Ressalvo que cheguei a visitar algumas vezes a escolinha rural, com seis de idade, no ano de 1967, onde havia uma tia que era professora primária daquela escola.

É importante enfatizar de como fui alfabetizada pela minha mãe: utilizava-se de palavras como: nomes dos familiares, nomes de frutas, nomes de animais, com sequências das letras do alfabeto e as vogais, seguido de contação de histórias, letras de músicas, (minha mãe tinha uma voz linda, cantava no coral da Igreja); também construíamos juntas a escrita de bilhetes para os familiares. A partir disso, fui alfabetizada, porém, precisava da escola para dar continuidade no aprimoramento da escrita.

Entretanto, a família tem um papel fundamental na formação da criança, afirma (FROEBEL, 1887 *apud* ARCE, 2002) que o primeiro exercício de viver em comunidade, uma comunidade de amor, regada pela religiosidade, uma comunidade que está contida dentro todo rebanho Divino; e é fortemente marcada por um tipo de filosofia cristã, na qual Deus, a natureza e o ser humano formam uma unidade que seria o fundamento de toda existência. Em função dessa clareza, podemos entender que o pensamento do autor vem de encontro com o MASAHARU TANIGUCHI na pedagogia da Seicho no ei (2012, p. 43) que “a criança é como uma semente à espera do momento de germinação. Ela traz dentro de si numerosas impressões e ideias que foram gravadas na mente dos pais e transmitidas a ela”.

De acordo com a pedagogia de FROEBEL (1887); MASAHURU TANIGUCHI (2012), para educar uma criança, sem coação, parte do princípio que todo ser humano é essencialmente bom, ou seja ele nasce bom, isso é o mesmo pensamento de

Rousseau desde 1740, quando escreveu seu projeto para educação do Senhor de Saint-Maire afirmou que, " [...] objetivo que devemos nos propor na educação de um jovem é o formar-lhe o coração, o juízo e o espírito". (ROUSSEAU, 1994, p. 45 apud PAIVA, 2007, p. 328) os autores visam o desenvolvimento intelectual e principalmente a educação da alma. Por meio do amor, regrada pela religiosidade, alegria, liberdade, autonomia e principalmente o elogio. Dessa maneira, os autores iluminam a forma como fui educada pelos meus pais, até os seis anos de idade. A partir disso, menciono abaixo ao leitor o impactante momento de minha vida escolar que se inicia no primário (atual Ensino Fundamental) no ano de 1968.

Ao iniciar o ensino primário com sete anos idade, aconteceu um fato marcante; no primeiro dia de aula, descobri que eu tinha outro nome: Maria Aparecida; para mim, desconhecido. Porque nesta época, a certidão de nascimento permanência no livro de registo do cartório; era o costume de se retirar a certidão quando se iniciava a vida escolar. Além disso, desde o nascimento era chamada de Vanda; o nome do batismo. Pois, ao nascer, meu pai me registrou com o nome de Maria Aparecida e não falou para minha mãe; por não achar importante. Isto trouxe muitos problemas emocionais na vida escolar. A questão do meu nome; da minha identidade, representou um momento difícil, pois tudo foi silenciado, nada foi explicado, só sabia que Vanda não existia naquele espaço. E pior, parecia que o uso do nome não era importante. Não sei se foi solicitado pelos meus pais para que fosse chamada de Vanda e não foi aceito, não sei... mas para mim, Vanda não existia naquela escola. Eu teria que ser a Maria Aparecida!!! Essa experiência marcou o início de minha vida escolar. LIBÂNEO (2010) me ajuda a compreender que momento era esse...

O final da década de 1960 e o início da década de 1970 é o período em que o chamado "tecnicismo educacional" adquire nova roupagem, no contexto do regime militar instaurado no Brasil em 1964, agora mais explicitamente assentado no behaviorismo e nas teorias de sistemas. (LIBÂNEO, 2010, p. 126).

Nessa direção, LIBÂNEO (2010) reforça a influência da hierarquia militar sob o controle escolar tradicional nos estudos da educação; não havia crítica e nenhuma reflexão. Portanto, essa discussão não era prioridade considerada naquele momento. Isso refletiu de forma significativa na minha identidade a partir do meu ingresso na vida escolar.

Durante a construção deste texto, busquei analisar e refletir o porquê das minhas inquietações e frustrações na trajetória de vida escolar. Morávamos numa fazenda a doze quilômetros da cidade de Bom Despacho, devido à distância, fui morar na casa de minha avó na cidade, para iniciar a vida escolar. Mas, já era alfabetizada pela a minha primeira professora; minha mãe.

A instituição pública de posse da elite de Bom Despacho; a qual fui matriculada por meio de indicações de amigos médicos do trabalho de minha mãe, que era profissional de enfermagem. BOURDIEU (2003, p. 42) apresenta de como “[...] a influência do capital cultural se deixa aprender sob a forma da relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança”. Nesta visão do sociólogo, vejo a intenção de meus pais, como a possibilidade, e prioridade no investimento escolar.

Por outro lado, a escola nesta época era do período do regime militar, ensino tradicional com a transmissão de saberes. Afirma FREIRE (2017) que

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 2017, p. 81)

Com essa afirmação de FREIRE (2017) compreendi, de como era o contexto da escola daquela época, a qual iniciei os estudos que marcadamente trouxe-me problemas de avançar na aprendizagem, reflito e analiso, que a educação pode ser o caminho no processo de busca para a transformação humana.

Nesse contexto escolar de autoritarismo, somente obedecer às regras da instituição, (alunos e também os pais), principalmente a questão de não aceitação do meu nome, que foi construído, carregado de significado da minha infância.

Vale ressaltar, que apesar de ser alfabetizada, nos três primeiros anos do primário foram iniciados na Escola Estadual Coronel Praxedes, de Bom Despacho no período de (1968, 1969,1970), foram marcados por três repetências sucessivas, talvez, por sentir-me dividida entre dois nomes. Foram situações desafiadoras para uma criança de sete anos; em decorrência da minha rejeição pela escola, e a falta de estímulo pelos estudos, com isso, simulava doença para não ir para a escola, pois,

não me sentia pertencente aquele espaço, o qual ficou no passado esquecido. Não sei o porquê essa escola não consta no meu histórico escolar.

Em função disso, a escola havia feito diagnóstico distorcido de “dificuldade de aprendizagem”, não sabemos qual foi o critério utilizado pela instituição, considerando que eu já havia sido inserida no mundo da escrita pela minha mãe. Assim, foi o modo de como a escola estabeleceu a sua relação com diagnóstico “dificuldade de aprendizagem”, sem questionamento”, de modo que, configurou-se a segunda experiência marcante desse início do ensino primário. Acredito que em razão das faltas; meu desempenho escolar foi piorando, e dele a marca do diagnóstico (hoje compreendo como equivocado). Naquela época, nesses casos, a responsabilidade do não aprender era sempre do aluno; se não aprende, o problema não é da escola. Dessa forma; fui marcada com três repetências.

O sistema escolar era fechado, não havia diálogo em relação a essas questões, somente ouvir e acatar as decisões da escola. Como meus pais eram cuidadosos, sempre preocupados com o desenvolvimento dos filhos, consultaram os médicos para compreensão do diagnóstico escolar. Havia acompanhamento médico com frequência, e meus pais seguiam sempre as orientações deles. Diante de várias consultas médicas; devido as fortes dores na barriga; considerando as suposições médicas, que as dores eram de origem emocionais, para não ir à escola.

No ano de 1971, já com 10 anos, iniciei novamente a primeiro ano, em outra escola levada pela minha mãe: a Escola Estadual: Martinho Fidelis na mesma cidade. Tal período foi para mim de grande significado entre novos colegas e novos professores, deu-me maior suporte para meu desenvolvimento. Iniciei o primário novamente, sem a transferência curricular. Minha hipótese é que minha mãe discordou como diagnóstico escolar de “dificuldade de aprendizagem”, talvez a escola era rígida em lidar com essas questões em relação ao nome até mesmo a forma como a escola tratou as supostas dificuldades de aprendizagem. Talvez minha mãe preferiu não levar a transferência curricular.

Além disso, o novo ambiente escolar abriu novas possibilidade do aprender, com mais atenção dos professores, acolhimento dos novos colegas. Havia mais atividade com brincadeiras na escola com a interação dos professores. Consegui fazer todos deveres de casa, e não havia mais falta e nem doenças; consegui passar de ano (2º ano). Nesta nova escola, apesar de estar matriculada com nome de Maria

Aparecida; para todos era Vanda. Neste sentido, produz o nome muito significado para uma pessoa. Explica (VYGOTSKY, 1996 – 1934 *apud* OLIVEIRA, 2003):

Quando escutamos nosso próprio nome, por exemplo, reagimos imediatamente, focalizando nossa atenção de forma não deliberada. Isto é, o nome próprio, por ser carregado de significado que indica a referência a um indivíduo particular, provoca reação semelhante àquela despertada por estímulos repentinos, como uma porta batendo, por exemplo. (OLIVEIRA, 2003, p. 76).

Nessa concepção do autor, o nome de indivíduo, que vem carregado de significados, construído socialmente, refletindo no meu desenvolvimento. Seguindo o pensamento do psicólogo, compreendo mais de como o meu nome é uma marca social construída e carregada de significados, que não deve ser separado do convívio social escolar, a qual foi marcada na minha identidade.

As mudanças sempre continuam em minha vida e, em função, da tradição familiar paterna, era de se estudar em escolas religiosas, com o objetivo de ter educação de qualidade, já no ano de (1972, 2º ano, com 12 anos), de posse da transferência fui estudar no internato, com autorização da minha mãe, pois, meu pai a convenceu por conta de me dar uma educação qualidade. Fui estudar no Instituto João Alves Affonso, por intermédio de uma tia paterna, que era freira; e morava no local; situado na cidade do Rio de Janeiro. Categoria de escola privada: Filantrópica. Número do CNPJ da escola privada: 33.588.997/0001-00. Conveniada com o poder Público: Estadual/RJ. Mantenedora da Escola privada: Instituições sem fins lucrativos.

A reverente instituição é um casarão, ainda hoje, situado no centro de um grande terreno, 15 mil m², com lindo e generoso jardim a sua frente, o que lhe oferece magnífico pontos de vista. O palacete pertenceu ao jurista Teixeira de Freitas, depois a José Luís Cardoso de Sales, primeiro barão de Irapuã.

Tive uma boa educação, pois a instituição utilizava a pedagogia de Maria Montessori: e evangelho de Jesus, coordenadas pelas Irmãs Coração de Maria. A instituição consiste nos fundamentos pedagógicos respaldados no resultado de pesquisas científicas e empíricas desenvolvidas pela Maria Montessori; caracterizado por ênfase na autonomia, liberdade com limites e respeito pelo desenvolvimento natural das habilidades físicas, sociais e psicológicas da criança. Dentre esses princípios filosóficos da pedagogia de Maria Montessori aponta FONTELENE (2012),

que a construção é elemento integrador da personalidade, por meio do trabalho, a liberdade, e a ordem, o respeito e normalização (autodisciplina).

Montessori acredita que a escola tem que ser ativa, no sentido que a criança absorve o meio, na noção de silêncio e autocontrole, na progressão (inicialmente o controle de si, sem seguida o controle das coisas), o respeito pelos outros, na modificação e adaptação do mobiliário às crianças, na utilização de materiais específicos que visam promover a aprendizagem nas diferentes áreas (sensorial, vida prática, Linguagem e Matemática), na concepção do Método Montessoriano, esses materiais são autocorretivos, graduados, isolam as dificuldades e devem ser explorados segundo a lição dos três tempos “informação, reconhecimento e fixação do vocabulário”. (KARAMER, 1993, p. 27 *apud* FONTENELE, 2012, p. 6).

O sistema educacional de Maria Montessori voltada ao liberalismo pedagógico, destaca a autoeducação, com críticas na ação destrutiva que o adulto, por sua superproteção e prepotência, pode desencadear sobre a criança.

Nesse contexto a proposta da escola, dirigida pelas as Irmãs de Caridade, direcionou para uma disciplina moderada e educativa. A instituição contava com uma equipe multidisciplinar (médicos, dentistas, psicólogos e professores de outras escolas) e nesse espaço, fui acolhida, e também aceita pelo nome de batismo, Vanda, sem o diagnóstico de “dificuldade de aprendizagem” o ensino primário e o ginásio (atual Ensino Fundamental): dos 12 anos aos 17 anos, no período de 1972 a 1978, (2ª a 8ª), com 150 meninas, com idades entre 5 a 18 anos.

Dentro deste contexto, irei enumerar a sequência de horários do cotidiano escolar, com regras diárias (todas as regras eram discutidas com as crianças antes), e como todas as atividades; eram planejadas pelas freiras, e interagem com todo o grupo. Ênfase que neste espaço era explorado, a liberdade, autonomia, respeito, autocontrole e cooperação nas atividades educativas da pedagogia de Maria Montessori.

- O despertar da manhã às 05h30min – com uma oração, arrumar sua cama ao levantar. (As crianças menores tinham auxílio das maiores).
- 06h – Higiene
- 07h – Café da manhã
- 7h30 – Limpeza do colégio (dividido em grupos com rodízio de cada duas semanas); estipulado por um grande quadro de atividade elaborado pelas freiras para todas as atividades diárias, manhã e tarde, mas, num período de 30 minutos. Colégio

tinha vários empregados, porém, organização da limpeza fazia parte da metodologia da disciplina.

- 08h – Sala de aula – todas alunas em sua sala de aula, conforme a série. Salas de aulas amplas, com mesa de duplas, com grande armário, onde podíamos escolher os materiais, cada aluna, tinha seu número, tudo muito organizado, sem uso de chaves. Nas salas de aulas trabalhos desenvolvidos em pequenos grupos de duplas, algumas vezes em grupos de quatros alunos. Não havia fila tradicional, apenas a fila de organização no espaço.

- 09h30 – Lanche e recreio por 30 minutos, onde podiam escolher o brincar. (Pular corda individual ou em grupo, correr, jogar bola, até subir em árvores no pátio e outros) sempre com a Supervisão de uma freira, com o cuidado para que não nos machucassem.

- 12h – Almoço – comida de qualidade, mas era permitido escolher os alimentos fornecidos. As freiras, funcionários, diretoria eram a partir das 12h30.

- 12h30 recreio – As crianças menores iam brincar no pátio, escolher os brinquedos, depois, tinham que aguardar no mesmo lugar. Porém, as meninas maiores faziam outros serviços, como na cozinha, refeitório, lavanderia e cozinha. A organização fazia parte em todos os ambientes do instituto.

- 13h30 - Grupos divididos para outras atividades: aula de música, instrumental, (violão e piano), e artesanatos. Porém, podíamos escolher se não gostássemos de algum deles.

- 15h Lanche e recreio para todas as alunas.

- 15h30 – grupos divididos para o banho, com início das crianças pequenas, com o auxílio das maiores, com a Supervisão de uma Freira.

- 16h – sala de aula de estudo, todas alunas estudavam em duplas, sem a presença da freira na sala de estudo. Todos materiais estavam disposição, e poderíamos também fazer uso da biblioteca. Porém, sala de aula das crianças pequenas, as alunas maiores eram monitoras para auxiliá-las. Neste intervim, as feiras iam para a capela rezar, mas, se precisamos de ajudar, poderíamos interrompê-las se fosse necessário.

- 18h – O jantar para todas alunas

- 18h30 – recreio – brincadeiras – jogos – biblioteca e sala de TV (a escolha era livre)

- 19h 30 – crianças de 5 a 10 anos – dormir (escovar dentes e oração). As outras maiores continuavam no ambiente até 22horas.

- 22h Todas as outras iam dormir. (Escovar os dentes e uma oração breve).

Ressaltando a importância da rotina no cotidiano escolar; neste contexto apresenta-se o papel do educador é de se criar condições para que os alunos atinjam as metas e, desenvolva-se a sua personalidade integral por intermédio do trabalho, com atividades educativas. Esse era um ambiente preparador para a autoeducação, regado pela religiosidade e, também pelo amor, liberdade e autonomia.

Tal período foi para mim uma grande escola de vida, além de aprender a viver e conviver com “os diferentes”; entrelaçar culturas, dividir formas de pensar, de ser, de agir, de crer, a partir deste convívio, algo diferente e novo em mim mesma e no outro. Assim, a Instituição fez-me uma pessoa disciplinada. Embora o leitor possa pensar que foi uma disciplinada vigorava. Por outro lado, a (MONTESSORI, 1981 *apud* FONTENELE; SILVA, 2012, p, 2) apontam no Método Montessoriano que “tem a criança como um ser livre, onde através de suas experiências ela pode auto-educar e auto-disciplinar”. Compreendi por meio das leituras realizadas que me ilumina de como as atividades pedagógicas coordenadas pelas freiras no instituto, que estudei foram práticas educativas com objetivo de auto-educar e auto-disciplinar, por meio do exercício de amor, sem punição.

Como era a vida no cotidiano de um internato? Divertido, alegre, tínhamos liberdade, e autonomia para dialogar, escolher, decidir. Para começar, uma vez por mês, fazíamos passeios em museus do Rio de Janeiro, e também nos museus de Petrópolis, parques, cinema, teatro, piqueniques em diversos lugares, e também eu fazia passeio todos os finais de semana com minha tia freira e, muito mais... não dá enumerar são muitos os lugares. Além de que, toda a organização de atividades era coordenada pelas as irmãs de caridade, de modo que, quando chegávamos, deveríamos fazer os relatos em relação ao passeio, ou desenhar o que havíamos mais gostados. No entanto, havia várias exposições durante o ano no colégio; a exposição dos trabalhos feitos por todas as alunas durante ano; e a exposição de final de ano, com artesanatos, com a participação da comunidade, e dos pais. Logo após, vinha às férias, a partir de primeiro de dezembro até final de fevereiro; todas as alunas iam para casa dos familiares, com o retorno no próximo ano, início do mês de março; quando se começava as aulas. Enfim, os pais que moram na região, levavam os filhos no final

de semanal, e duas vezes por ano o colégio oferecia hospedagem para os pais que moravam em outro estado.

Segundo FONTELENE; SILVA (2012) apontam a educação da pedagogia de Maria Montessori, tem como objetivo a educação da vontade e da atenção, a criança tem liberdade de escolher o material a ser utilizado, além de proporcionar a cooperação, bem como a educação e da Pedagogia de PESTALOZZI (1997) um educador por excelência, “maior gênio” afirma (LUZURIAGA, 1983, p.173 *apud* BORGES, 2006, p. 2), que traz as três teorias de PESTALOZZI (1997) de estados do desenvolvimento humano como: o estado animal ou natural, o estado social, e o estado moral. Assim, na corrente de pensamento de PESTALOZZI (1997) o amor como primeira estratégia pedagógica somente faz sentido diante de perspectiva de uma educação integral e transformadora, que

[...] a manifestação do amor é a salvação do mundo! Amor é o fio que liga o globo terrestre. Amor é o fio que liga o homem a Deus. Sem amor, o homem está sem Deus, e sem Deus e sem amor, o que é o homem? [...] Não é homem, é inumano o homem sem Deus e sem amor. (INCONTRI, 1996, p. 92 *apud* BORGES, 2002 – 2006, p. 5).

Dentro desses pressupostos pedagógicos vem em consonância com a pedagogia de; (FROEBEL, 1887); (PESTALOZZI, 1997); (ROUSSEAU, 2007); (MONTESSORI, 1981); foram as tendências apresentadas e defendidas na evolução natural da criança, pedagogia regada pela religiosidade e amor, bem parecida como fui educada pelos meus pais. Nessa escola fui acolhida, amada e protegida.

Após o término do ginásio (atual ensino fundamental), por motivos familiares, retornei para Bom Despacho; voltei a morar na fazenda de meus pais, para auxiliá-los no trabalho da família e, também refletir sobre a escola, e qual caminho seguir, por sentir-me fracassada no processo de escolarização. A seguir meu pai comprou uma casa na cidade de Bom Despacho; para que pudéssemos estudar no ano de 1981. Nesse mesmo ano, já com 20 anos; retornei aos estudos, devido a vontade de ser professora para ensinar as crianças. Por fim, cursei dois anos de magistério na Escola Estadual Miguel Gontijo.

Ainda tinha algumas restrições em relação à forma seletiva que a escola lidava, entre as relações interpessoais de ensino escolar. Primeiramente, vivencie uma injustiça com duas amigas negras, elas podiam fazer a formação do magistério, porém, não podiam exercer a profissão de professora, nessa época a escola não

aceitavam professora negra. Assim, apresenta PATTO (2015, p. 55) que, “adesão ao anticlericalismo e ao cientificismo, características do iluminismo, permitiu que estereótipos e preconceitos raciais milenares adquirissem novo *status*”. Tal coisa é, para a autora a influência na construção da educação brasileira “cultura reflexa”, ou seja, a influência da filosofia e das ciências francesas, sem criticidade e reflexão. Podemos entender na interpretação histórica, as seletividades contribuíram para a elaboração da visão dominante hoje capitalista, no âmbito da educação escolar.

Considerando que a Constituição Federal de 1988, veio alguns anos depois desse fato. Consta no art. 5º Inciso XLII, determina que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito de reclusão nos termos da lei”. Em 1989, foi promulgada a Lei Caó: 7.716, de 05 de janeiro de 1989, em que são definidos os crimes resultantes de preconceito de raça ou cor.

Por isso, desisti do magistério; por creditar que tal postura não condizia com Educação. Fui para outra escola particular o Colégio Comercial de Bom Despacho, lá fiz mais dois anos do curso técnico de contabilidade, o qual conclui no ano de 1984, com 23 anos.

Nesse ínterim, tive propostas de trabalho de uma empresa, Praia Clube, com cargo secretária administrativa, para trabalhar em Belo Horizonte, no ano de 1985. Logo, consegui bolsa para fazer cursinho no pré-vestibular, onde estudei seis meses no Colégio Pitágoras, e seis meses no Colégio Promove. No ano de 1986 prestei vestibular para psicologia e pedagogia. Fui aprovada em pedagogia duas faculdades particulares de Belo Horizonte. Enfim, mais mudança, por motivos familiares, desistir do curso naquele momento.

Nova proposta de trabalho em São Paulo, empresa de um tio, GE-NE, com o cargo de secretária administrativa, mudei no ano de 1989, com 28 anos. E no percurso de 1995, casei com um paulistano. Durante esse tempo, fiz várias formações na área da Beleza e Estética. Para começar, no SENAC/SP fiz formação de Técnico de Esteticista tendo trabalhado por, (15 anos nesta área) e outros. Ainda nesse período, no (2000 a 2003) fiz curso e estudei a obra da doutrina de Kardec; conhecido pelo seu pseudônimo Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail), Pedagogo, francês, foi aluno de Pestalozzi. Prof. Rivail; foi educador no século XIX, e um precursor do método educacional de Pestalozzi. Esse conhecimento me ajudou muito no desenvolvimento de relações humanas e em trabalhos sociais desenvolvidos em SP;

período de 2004 até 2013. Esses foram os caminhos os quais me levaram a buscar os fundamentos da pedagogia.

Entretanto, no percurso do ano 2011, tive problemas de saúde, a descoberta de um tumor benigno na região do cerebelo, uma cirurgia difícil com risco de morte, ou uma vida vegetativa. Com auxílio da mão de Deus e um grande médico neurocirurgião, ganhei a vida de volta. Após recuperação, veio a vontade de cursar a graduação de pedagogia.

2.2 Ingresso na faculdade: uma nova perspectiva

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes, básicos da configuração da atividade humana. (LIBÂNEO, 2010, p. 30).

LIBÂNEO (2010) defende a pedagogia como a única ciência pedagógica, ou seja, a ciência da educação a partir de estudos científicos em relação às expectativas de organização ao conhecimento pedagógico. O autor traz num determinado contexto da ciência da educação, onde bastante difundida em vários países como: França, Itália, Alemanha, Espanha, Portugal. Ainda seguindo o escritor, aponta que nestes países, a Pedagogia é um elemento de estudo de conjunto de ciências, estabelecendo um corpo científico dentro de fenômeno educativo. Para a compreensão do leitor, ilustro que a minha busca do conhecimento vem de encontro com pensamento de LIBÂNEO (2010), do autoconhecimento, com olhar de observador, mas, observar as minhas atitudes, para o ato educativo. Isso é processo difícil, mas, necessário o equilíbrio de um educador para lidar com as questões de comportamentos das crianças em sala de aula, esse foi meu aprendizado.

Outro acontecimento marcante, 2013 com o falecimento da minha mãe, tive que retornar para Bom Despacho com meu marido, no ano de 2014; para auxiliar o meu pai que encontrava-se em emocionalmente muito abalado com toda situação vivenciada nesse processo doloroso da ausência da companheira de mais de cinquenta anos de convivência. Aprendi que as dificuldades são oportunidades de transformação.

Aproveitei o tempo disponível para cursar a graduação de pedagogia no início do ano de 2015, na faculdade de Educação de Bom Despacho (FACEB). Foi um desafio ingressar na faculdade aos 54 anos. Enfrentei o preconceito de familiares e da sociedade local. Foram muitas críticas, mas, isso não me intimidou. Foram experiências e vivências de estudos e pesquisas no período de trabalhos pedagógicos e estágios na educação formal e não-formal, no percurso de 4 anos, aprendendo com as teorias, e as ações na prática. A seguir comentarei as duas experiências não-formais vivenciada neste espaço.

LIBÂNEO, (2010) discute as modalidades de educação intencional: a informal, não-formal e a formal.

E aqui nos encontramos diante de questões que merecem uma reflexão mais detida. Que é educação formal e a educação não-formal? Educação não formal é a mesma coisa que a educação informal, não intencional? A educação formal se aplicaria apenas à educação escolar? A educação de adultos, a educação sindical, política, etc., por se darem fora do âmbito da educação escolar convencional, não teriam, também, caráter formal? O que não é educação escolar, terá caráter “informal”? A recusa que se faz do caráter intencional e formal da educação – por ver os sempre um caráter ideológico e classista [...]. (LIBÁNEO, 2010, p. 88).

Em função da corrente de pensamento do autor, as instituições correspondentes entre a modalidade de educação mostram integração e articulação entre ambas. Pois, as educações formais e não-formais têm a mesma conexão de ações educativas intencionais muito próximas; por serem participantes das várias esferas da vida social. Ainda seguindo o autor na sequência da educação informal, não-formal, formal: são intencionais e deliberadas com alguma organização, ou seja, no trabalho, no sindicato, na política, na cultura etc. Essa é uma interpretação entre a escolar e o extraescolar.

2.3. As experiências na educação não formal

No curso de Pedagogia, tive a oportunidade de realizar um trabalho acadêmico, voltado para a educação não formal, fundamentado nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) sobre a psicogênese da língua escrita. Com a orientação da prof. alfabetizadora, da disciplina; alfabetização e letramento 1 do segundo semestre de 2015, na Faculdade de Educação de Bom Despacho (FACEB).

Objetivo da pesquisa era utilizamos como instrumento de coleta de dados por meio de entrevista e também com a sequência didática de atividade do material pedagógico de alfabetização, confeccionados pelo grupo. Com o objetivo específico: explorar o nível de conhecimento das crianças, e realizar uma sondagem em que nível desenvolvimento de cada criança. Com autorização dos pais, a pesquisa foi realizada na residência da família, com horário marcado, e individual, com crianças de 2 a 7 anos de idade. Como por exemplo: elaboramos uma sequência didática com 9 etapas; e o material pedagógico, feito de papel cartão, (frases curtas, juntas e separadas, alfabeto móvel e número de 0 a 9, palavras maiúsculas, e minúsculas; imagem ilustrativa, revista, livro de história infantil, e etc.). Outro exemplo: confeccionamos fichas, dividimos em 9 tarefas iguais, e mais o material pedagógico; atendendo as crianças de 2 a 7 anos, para a coleta de dados da pesquisa. Irei relatar a seguir um pouco desse trabalho.

- **Tarefa nº 1** – Quantidade suficiente de caracteres

Material – ficha com palavras de uma a nove letras (nos dois tipos) e cartões de números (três). Orientação: dê uma olhada e veja se tem alguma coisa que dá para ler! Por que você acha dá para ler? Fazer anotações em cada cartão.

- **Tarefa nº 2** – Variedades de caracteres

Material – 2 fichas com letras repetidas: AAAAAAA

1 ficha com uma palavra (nos dois tipos de letras). A mesma pergunta tarefa anterior.

- **Tarefa nº 3** - Aspectos formais do grafismo – conhecem, nomeia e reconhece letras. Materiais: Cartões com todas as letras do alfabeto móvel (nos dois tipos de letras). Pergunta: dê uma olhada e veja se você conhece? Desenho: casa, bola, peteca.

- **Tarefa nº 4** - Se conhece números e os distingue de letras. Materiais – cartões com números de zero a nove e três letras (nos dois tipos de letras).

- **Tarefa nº 5** Se conhece sinais de pontuação. Material – cartões com os sinais mais comuns de pontuação...

- **Tarefa nº 6** – Leitura com imagem – Material 3 fichas com a palavra e a figura, de mesmo campo semântico (nos dois tipos de letras). 1 ficha com figura e uma frase, ortograficamente correta (nos dois tipos de letras) 1 ficha com a figura e a frase, sem o espaçamento. Dê uma olhada e diga se dá para ler?

- **Tarefa nº 7** – Relações entre o texto e o contexto – Material – 3 cartões com figuras e três fichas com as palavras – nomes das figuras (nos dois tipos de letras).

Orientação: apresentar uma figura e palavra correspondente. Perguntar: o que você acha que está escrito? Trocar a figura e manter a palavras. Perguntar: o que você acha que está escrito? Repetir com outras figuras.

- **Tarefa nº 8** Aspectos sociais da leitura – atos de leitura portadores de textos. Material: revistas, jornal e um livro de história infantil. A) primeiro momento – distinção do ato de ler e de folhear. Folhear a revista, parar numa página e fazer os atos de leitura: movimento dos olhos, da cabeça, mas não falar. Perguntar: o que eu estou fazendo? Por que você acha que eu estou fazendo isto? (Usar a palavra usada pela criança), folhear continuamente, sem realizar atos de leitura. Perguntar: o que eu estou fazendo? B) segundo momento – se conhece os diferentes portadores de textos, abrir o jornal e, realizando os atos de leitura, “ler” uma história infantil (contos de fada). Perguntar: o que eu estou fazendo?

- **Tarefa nº 9** Compreender em que momento da aprendizagem da leitura e da escrita a criança se encontra, como escreve sem a ajuda da escola.

Material: folha branca, lápis e borracha.

Orientação: pedir à criança para colocar o seu nome na folha. Pedir à criança para pôr (escrever) coisas que ela já sabe. Deixar escrever à vontade. Pedir a criança para pôr (escrever) coisas que você vai dizer. Como uma palavra polissílaba, trissílaba, dissílaba e monossílaba (grupo semântico). Uma oração: sujeito + verbo + complemento.

Neste sentido, buscamos alternativas para compreender o processo de alfabetização dessas crianças, foram confeccionados material pedagógico, de estudos teóricos, que o ambiente precisa ser alegre e estimulantes, e por esse motivo, a construção de materiais que pudessem estimular a aprendizagem dos alunos. Essa

pesquisa teve duração de seis meses. A partir de estudos teóricos, confeccionarmos o material pedagógico, e realizar a pesquisa de campo. Essa experiência me permitiu a reflexão sobre a psicogênese da língua escrita; além da possibilidade de colocar em prática a teoria aprendida.

A pesquisa “Psicogênese da língua escrita” foi realizada cidade de Bom Despacho, Paineiras e Buriti Grande. Com objetivo de pesquisar questionamentos que ora nos inquietava no sentido de refletir no contexto de Emilio Ferreira e Ana Teberosky, como o resultado de a criança muito antes de ir à escola já representa nos seus primeiros rabiscos a aquisição da língua escrita. Sendo a Hipótese de que o que escrevem são os nomes logo, se generaliza progressivamente aos nomes de objetos.

Considerando a teoria piagetiana como os processos de aquisição do conhecimento fez-me entender que a partir das habilidades e competências para o exercício da profissão de educador, existe uma grande reflexão do ensino-aprendizagem. Aprendi que toda criança pode aprender, depende da forma que se quer ensinar. Assim explica FERREIRO (1999), de como escola comporta diante da aprendizagem da criança.

A escola se dirige a quem já sabe, admitindo, de maneira implícita, que o método está para aqueles que já percorreram, sozinhos, um longo e prévio caminho. O êxito da aprendizagem depende, então, das condições em que a criança no momento de receber o ensino. As que se encontram em momentos bem avançados de conceitualização são as únicas que podem tirar proveito do ensino tradicional e são aquelas que aprendem o que o professor se propõe a ensinar-lhes. O resto, são as que fracassam, às quais a escola acusa de incapacidade de aprendizagem ou “dificuldade na aprendizagem”, segundo uma terminologia já clássica (talvez haveria que precisar a definição em termos de dificuldades para aprender o que o professor se propõe a ensinar, nas condições em que se ensina). (FERREIRO, 1999, p. 291).

Neste sentido, a autora elucida a experiência que vivencie no primário, seguidas das três repetências sucessivas, de como a escola trata o problema de repetência: na corrente de pensamento de FERREIRO (1999), repetir uma criança no processo de aprendizagem, é repetir o seu fracasso, neste caso específico, a criança abandona um grupo ou sistema o qual não pertence. Essa experiência foi a que vivi no primeiro espaço escolar. Isso me fez refletir e ter o olhar diferente para as crianças que passam por situações semelhantes à minha.

A segunda experiência foi o trabalho acadêmico atendendo a Pedagogia Social, voltado para a educação não formal, fundamentado em estudos de LIBÂNEO (2010), e também em estudos de (NETO, et. al. 2009). Esse trabalho acadêmico foi realizado pelo grupo e sob a orientação da profa. Gestora, no primeiro semestre de 2016; na Faculdade de Educação de Bom Despacho (FACEB). O grupo optou pelo tema desta pesquisa intitulado “Educação e Sabedoria no Lar São José” (asilo), nesta cidade. Com o objetivo de se pesquisar questionamentos que ora nos inquietava no sentido de refletir como os idosos convivem socialmente neste Lar. Quais as rotinas dos idosos, o que fazem como atividades recreativas? Será que gostam de ler, ouvir música? Os idosos têm desenvolvida a prática da escrita e da leitura? Conseguem escrever um recado, uma carta para troca entre os colegas do Lar ou com as famílias? O que os deixam alegres ou tristes? Desse modo, buscamos organizar a pesquisa; por meio de entrevistas com: funcionário, coordenação, e os idosos

Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil (1988, p. 65), em seu **Art. 205**. “A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Nesse artigo percebemos e comprovamos a importância da educação para os sujeitos tendo como base a família e o Estado, o dever de oferecer a todas as pessoas sem distinção e ainda nessa direção temos a certeza que como somos membros da sociedade, estamos colaborando e nos qualificando para o trabalho a partir da prática da teoria ensinada na sala de aula.

E a partir das respostas que nos relataram percebemos que é possível e viável do ponto de vista do retorno que eles possam trazer a eles mesmos e em seus convívios, uma ação educativa que contemple as interações sociais nestes indivíduos lhes permitindo momentos de ludicidade através dos jogos, da reflexão e da prática da leitura nas revistas que oferecemos e a prática da escrita na confecção dos cartões aos amigos, funcionários ou parentes, dessa forma, resgatando a memória na lembrança de pessoas que querem corresponder, na escolha do amigo tem-se a liberdade, a afinidade com o outro. O que se vai produzir através da escrita é uma riqueza de textos escritos que podem ser documentos valiosos na recuperação do idoso a partir de um planejamento social. Observamos que cada entrevista tem sua história, porém devido às dificuldades dos idosos em se afirmarem neste ambiente, com sensação de pertencimento, podemos analisar que parece existir também uma

“fantasia”. Assim como, existe na infância e na adolescência, porém esta fantasia do idoso parece ser uma forma de sobreviver à velhice. Ou seja, pode ser que tudo que falam sejam verdades, porém pode ser também que algumas palavras são devaneios e fantasias.

Nas concepções apontadas por NETO (2209) sobre o conceito da Pedagogia Social.

[...] O conceito de Pedagogia Social data de meados de 1990, tendo sido primeiramente discutido por educadores alemães, tais como Kal Mager e Adolph Diesterweg (RAUSCHENBACH, 1999). No século XX, muitas teorias sobre Pedagogia Social foram criadas por outros educadores alemães. O mais significativo dentre esses teóricos foi Paul natorp, fortemente influenciado pelas ideias de Platão, pelas teorias epistemológicas e éticas de Immanuel Kant e pelas teorias educativas de Joham Heinrich Pestalozzi. (OTTO, 2009, p. 29-30 *apud* NETO, 2009)

Interessante que, para o princípio, a expectativa pedagógico-social se fundamentava em experiências de encontrar soluções educacionais para problemas sociais. Atualmente, estudiosos da Pedagogia Social alargam pesquisa da Pedagogia Social em espaços de abrigos para idosos. A seguir farei um breve relato, para você leitor!

A Pedagogia Social apoiada na pesquisa de MIRANDA; COSTA (2011) apresenta a atuação do pedagogo no espaço não escolares do abrigo de idoso. Alargam a discussão em relação a educação, com práticas educativas e a Pedagogia. Para começar, com resolução CNE/CP, nº 1, de 15 de maio de 2006, criada com o objetivo de instituir Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, acabou dando mais um suporte legal para compreender e aprofundamentos a função do pedagogo em espaço não formal. Com base nestes autores, foram feitas por eles uma pesquisa científica, com o resultado de necessidade de mais movimento por meio de atividade para aumentar a autoestima, dando mais perspectiva de vida.

Por outro lado, o estudo com abordagem quantitativa em relação ao desenvolvimento pessoal, trata-se de um estudo comparativo, de caráter exploratório elaborada; GAMA et. al (2016) atribui os seus estudos a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam um aumento no percentual da população idosa, a qual passou 8,6% para 12,1%, completando 8,5 milhões de

brasileiros com 60 anos ou mais (GAMA, 2010 *apud* BRASIL, 2016). Com resultados que perpassam no projeto da faculdade Alberta direcionada a terceira idade, bem com a casa geriátrica e centro de convivência, mostram o maior aumento do público feminino, por conta das mulheres se cuidarem mais do que os homens; os quais ainda têm resistências em participar desses grupos.

Ainda neste seguimento, outro estudo interessante a creche para o idoso, discutida por CUNHA (2018) apresenta o conceito diferente para terceira idade. Entendemos a creche para criança, requer cuidado, atenção, amor carinho, e práticas pedagógicas educativas, para seu desenvolvimento. Nesse aspecto, o idoso é a mesma coisa, precisa de cuidados. Já a prática pedagógica para o idoso tem outra finalidade; de elevar a baixa autoestima, manter a mente em atividade, diferente da criança. Essa creche é situada no Rio de Janeiro específica para o idoso, com uma estrutura multiprofissionais da área da saúde. Neste ambiente direciona-se os idosos para passar o dia, e os responsáveis, passam no final do dia para irem juntos para casa. Por fim, trata-se de é um campo para a atuação que merece ser ainda explorado em função da sua importância.

Aqui termina as experiências vivenciadas por mim, no primeiro semestre de 2016. Por isso, relato ao leitor mais outra mudança, em função de novos desafios de possibilidades; com a posse de transferência para Universidade de Taubaté – Unitau/ SP. A seguir irei relatar ao leitor as experiências vividas no percurso acadêmico da Unitau.

2.4. Estágio: da teoria à prática

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid – da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior-capes, oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com exercício do magistério na rede pública. (AMBROSETTI; RENDA, et. al. 2013, p. 212)

Chequei a Taubaté no segundo semestre de 2016 para morar na cidade, já com transferência curricular, para ingressar na Universidade de Taubaté. A minha chegada na Universidade foi afetuosa, acolhedora, pela Coordenação da mesma: Logo, entrei no PIBID. O que é PIBID? Um Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), proposto e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no âmbito de um conjunto de ações vinculadas à Política Nacional de Formação de Profissionais que atuam nas licenciaturas participantes do PIBID. Em novembro de 2010 iniciou o Programa do PIBID, na Instituição. Em 2011, expandiu-se atendendo atualmente as licenciaturas em Pedagogia, Biologia, Letras, Matemática, Física Geografia, História e Educação Física. Envolve aproximadamente, 3.000 bolsistas, em 2007 das áreas citadas acima. Segundo (AMBROSETTI, RENDA, et. al. 2013, p. 53) “ o PIBID Expandiu-se incluindo Universidades públicas estaduais, municipais e comunitárias, abrangendo todas licenciaturas e chegando em 2011 a quase 30.000 bolsistas, de 146 intuições”. Esse estudo foi realizado em Universidade de porte médio, situado na região sudeste, em 2010. Devido as questões Políticas, em 2018 foram feitas muitas mudanças, mas, o Programa PIBID, ainda continua.

Participando desse Programa (PIBID), na Escola Prof. Ernesto de Oliveira Filho; Ensino Fundamental I, com o “Projeto Horta” que encontrava-se em andamento, foi uma experiência ímpar: junto da Supervisora do Programa (PIBID) e com o grupo de alunas que estavam atuando desde o início do ano. Além disso, o estágio do PIBID, oportunizou na prática o ensino-aprendizagem com as percepções observadas em sala de aula. Em virtude disso, percebemos a dificuldade de aprendizagem dos educandos; entre conversas com professores, alunos, e a Supervisora do Programa (PIBID), surgem vários questionamentos: quando os educandos não conseguem aprender na escola para onde vão? Continua, ou desiste dela? Portanto, temos um sistema escolar que merece investigação, e um desafio à docência.

Percebendo as dificuldades dos educandos em aprender, abriu a possibilidade de se pesquisar, para maior compreensão desse espaço, e com objetivo de alcançar melhoria na aprendizagem do aluno. Para isso, fui orientada pelo prof. de sociologia, em várias leituras de textos encaminhadas por ele, tais como PATTO (2015); SOUZA (2011); BOURDIEU (2016); COSTA (2016); FREIRE (2017); e outros estudiosos como se dá a produção do fracasso escolar, atrelando-os aos mecanismos sociais de seleção, hierarquização e exclusão, no Ensino Fundamental. O estudo deu-me o novo olhar e atenção para aqueles têm dificuldade de aprendizagem. Por isso, sou grata ao prof. Dr. Silvio Costa, de sociologia da Universidade por me oportunizar a compreensão de alguns fatores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Partindo de outras experiências, compartilho com leitor as diferentes vivências experimentadas em dois estágios: a Educação infantil, e a seguir Ensino Fundamental.

Na Educação Infantil, podemos observar a escola DBC, situado na cidade de Taubaté. Neste local as salas são amplas, cada sala contém média de 25 anos (meninas, meninos), com a utilização do método “os cantinhos”. Nas atividades dos projetos aplicados: A importância da Musicalização na Educação Infantil, no período do estágio (PIBID), depois, concluímos com apresentação de um artigo científico no Congresso internacional de Ciência, Tecnologia e desenvolvimento (CICTED). Pensando em enriquecer a formação acadêmica dos futuros docentes, as bolsistas elaboraram e aplicaram o projeto “Musicalização na Educação Infantil, ” atendendo os níveis Maternal I, Maternal II e Jardim, entre as faixas etárias de três a cinco anos. A música está presente em diversas situações do convívio social da criança, ou seja, na rotina escolar, na família, nos meios de comunicação, possibilitando a interação com o outro de forma harmoniosa. Embasadas no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil. Como culminância, foi elaborado um teatro sonorizado, com diferentes instrumentos musicais, com a contação da história dos três porquinhos, desenvolvidas pelas alunas bolsistas do projeto para a apresentação aos alunos e professores da instituição. Finalizando com uma reflexão, que a música vai muito além de ensinar canções repetitivas, sendo reproduzidas, sem significado para o aluno. Destacando a importância da música para o desenvolvimento integral do aluno, levando em consideração o papel do professor na elaboração das atividades, de forma planejada e contextualizadas, oportunizando momentos de criação, de expressão e socialização.

Tendo em vista o Programa do PIBID em 2017, com ressignificação no exercício à docência na educação infantil, enriquecidas por projetos, dando ênfase nas práticas pedagógicas com objetivo de maior desenvolvimento da criança. Por isso, agradeço as orientações dos professores coordenadores da Universidade pelas suas aulas tão elucidativas, a Supervisora do Programa (PIBID) e demais colegas e os colaboradores da escola Dolores Barreto Coelho.

Compartilho com o leitor as minhas experiências vividas durante o último estágio: Ensino Fundamental I, sem o Programa PIBID. O suporte desse Programa é fundamental para experiências e vivências com os projetos, e a riqueza de compartilhar no desenvolvimento do trabalho em grupo. Esse estágio, se deu outra Escola Municipal na cidade de Taubaté. Fui acolhida pelos professores e a Coordenação. Estagiar nesta escola foi emocionante e gratificante. A experiência de vivenciar auxiliando os educandos em sala de aula, com o Professor de sala, o qual tinha um vasto conhecimento teórico, foi fomentador. Entretanto, Pimenta (2004) enfatiza a importância de se relacionar a teoria e a prática no estágio de forma reflexiva com realidade da escola.

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade. (BAHIA, 2012, p. 28, *apud* PIMENTA; LIMA, 2004, p. 43).

Partindo do pensamento dos autores vieram reforçar a importância de se questionar a prática, buscando o conhecimento teórico com reflexões, e fazendo adequações na realidade escolar. A minha atuação no estágio foi muito significativa, consegui olhar para as crianças, e senti as dificuldades pela minha experiência vivenciada no primário. A minha percepção foi mais aguçada nas observações de como se ensina e como se aprende. Com o suporte da supervisora e professores da Universidade compreendi o cuidado com o outro em mim. Como é importante trocar informações com os professores, coordenadores são fundamentais para alcançar maiores resultados presente na dificuldade de aprendizagem dos educandos.

Estagiando no ensino fundamental I no percurso do mês abril até o mês de setembro de 2018, em uma sala de aula de 32 alunos, apenas seis eram alfabetizados. Primeiramente, fui orientada pela Profa. Especialista em alfabetização

da Universidade de Taubaté, que deu-me uma direção para alfabetizar os alunos da escola. A partir disso, conversei com o professor de sala do quarto 4º ano, logo de pronto aceitou a minha proposta em auxiliar no alfabetizar de um pequeno grupo de seis alunos. A seguir, foi feita uma sondagem nas crianças para diagnóstico; são alunos entre 9 e 10 anos. Por fim, recebi mais orientação da Profa. Alfabetizadora da Universidade, na utilização de livros como por exemplo: de literatura infantojuvenil, (O Sanduíche da Maricota) parlenda, e outros: seguidas de atividades individuais e em duplas, respeitando nível deles no desempenho na atividade.

Vale ressaltar, que as questões interpessoais em relação ao professor/ aluno, em sala de aula, são de respeito e de reflexão. Primeiramente, aprendi a respeitar o trabalho do professor, mesmo não concordando com algumas atitudes dele, o mais importante que isto, é incentivar os alunos, oferecendo oportunidade do aprender, sempre com o cuidado do outro. Compreendi que quando existe a atenção e o respeito para com as crianças, elas respondem, com amorosidade, e tinham o cuidado com meu material que era levado para a sala de aula. Além disso, eles se sentiam à vontade em contar as suas histórias, tristes e dolorosas. Sempre me relatava que eram burros, que não conseguem aprender, e outros ainda se consideravam burros repetentes. Isso, era cristalizado em todas crianças da sala. O resultado desse trabalho, dos seis alunos que auxiliei no alfabetizar, quatro alunos foram alfabetizados, e os outros dois alunos não conseguiram, devido ao pouco tempo que dispunha para naquele momento.

Compreendi que é na socialização, as crianças podem aprender muito umas com as outras no exercício do diálogo, nas controvérsias, nos conflitos de ideias, nos jogos, nas atividades em grupos e individuais, nas brincadeiras, no viver e conviver, ou seja, as crianças apropriam de conceitos e ideias nas interações sociais e cabe à escola sedimentar ou ressignificar estes conceitos aprendidos nos grupos sociais.

Nas minhas experiências no período acadêmico, alargam a nova perspectiva de confiança, com um novo o olhar observador e ações reflexivas. Ressalvo, que a seguir farei algumas reflexões sobre esse percurso da vida escolar e as experiências acadêmica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente memorial me remeteu memórias adormecidas do passado da minha vida escolar, e as experiências no percurso acadêmico do curso de graduação, de Pedagogia. As experiências no Programa do PIBID, me ofereceu a oportunidade de vivenciar a prática com a teoria que aprendemos na faculdade. Quando repensamos nossas práticas, nos faz refazer as ações e buscarmos novas alternativas para atingir os objetivos propostos. Portanto, aprendemos a importância de planejar as aulas que sejam atraentes, e desafiadoras para os educandos.

As minhas contribuições no período acadêmico em relação aos primeiros trabalhos desenvolvidos em grupo na faculdade de Educação de Bom Despacho, antes (FACEB), atualmente (UNA). Compreendi a importância da função do pedagogo em espaço não formal, atendendo o objetivo da formação humana, abrangendo indiretamente as questões culturais, éticas e raciais, com o desenvolvimento de práticas pedagógicas educativas. Essa experiência percebida no trabalho em grupo, do Lar São José (asilo), aprendi muito com os idosos, o respeito e sabedoria deles, refleti a importância das práticas pedagógicas nesse espaço.

A outra experiência foi o Programado PIBIB o exercício à docência: estagiando com um olhar para a teoria e para a prática, ambas não podem ser trabalhadas separadamente, uma está ligada a outra. Além do alfabetizar é filtrar e alinhar os saberes teóricos metodológicos, em prol da construção pedagógica, permeada por um trabalho reflexivo e crítico. Aprendi que essa reflexão acontecerá a partir dos momentos que se vivência as problemáticas do cotidiano, quando se identifica a melhor e mais adequada maneira de tentar solucionar as adversidades apresentada no dia-a-dia

Por fim, nas minhas inquietações e frustrações; principalmente no primário, em relação ao nome social e “dificuldade de aprendizagem” “distorcida” o diagnóstico elaborado pela escola, sem perceber a dimensão que isso tomou, por muito tempo acreditei que tinha esse problema. Finalizo com alegrias, após um ano, consegui na justiça a inclusão do nome de batismo, estabelecendo uma conexão de equilíbrio com a minha identidade.

4. REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, N. B. et. al. **Tornando-se professor: universidade e escola pública no aprendizado da docência**. Ed. Pontes. Campinas SP 2013.

ARCE, A. **Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infancia**. Revista Brasileira de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. SP/2002.

BAHIA, N. P.; SOUZA, R. M. Q. **Quem quer ser professor? -PIBID como uma possibilidade para o enfrentamento da desvalorização do Magistério**. Pós-Graduação em Educação da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo e coordenador (a) do PIBID – 2012/UMESP.

BORGES, I. A Filosofia **Cristianismo e Educação. Johan Heinrich Pestalozzi e suas contribuições para a reflexão sobre a Educação Cristã**. Universidade Presbiteriana Mackenzie / SP 2002 -2006.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. **Escritos de educação**. 5. ed. Petrópolis, RJ Vozes, 2003. p. 39-64. Excluídos do interior.

BRANDÃO, R. C. **O que é educação**. Ed. Brasiliense. São Paulo/SP,2013.

BRASIL **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

COSTA, S. L. **A luta pelo ensino superior: com a voz, os evadidos**. Ed. Revisada. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/ 2016.

CUNHA, A. R. N. **Creche Para Idosos: Um Novo Campo de Atuação para Pedagogos**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2018. ISSN:2448-0959

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. In: Diana Myriam Lichtenstein, Di Marco Corso. **Psicogênese da Língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. ISBN 85 – 7307572- 4

FONTELENE, S. M. C; SILVA, K. S. S. **A contribuição do método Montessoriano ao processo de ensino-aprendizagem na educação Infantil**. IV FIPED – Forum Internacional de Pedagogia. Paraíba. Campina Grande, realize, Editora, 2012.

GAMA, T. C. C. L. et. al. **Revista Travessias**. ISSN: 1982-5935/ VOL. 10 n-02,27 Ed. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e terra. Rio de janeiro/São Paulo, 2017.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. Ed. – São Paulo, Cortez, 2010. ISBN 978-85-249-0697-8.

MACEDO, L. **Faz-de-conta a importância.** Revista: Pátio da Educação Infantil. Ano 1 nº 3 Dez 2003/mar 2004.

MASAHARU, T. **Pedagogia da Seicho-no-ei.** In: SEICHO-NO-EI DO BRASIL. 13. Ed. rev. –São Paulo: Seicho-no-ei do Brasil, 2012.

MIRANDA, J. R. C; SANTOS, M. L. **Educação e Contemporaneidade.** V Colóquio Internacional. São Cristovão – SE/BRASIL. 21 a 23 de setembro de 2011. ISSN 1982-3657

NETO, J. C.S. S. et. al. **Pedagogia Social.** Expressão e Arte. São Paulo/ SP 2009.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento Um processo sócio-histórico.** Ed. Scipione. 2003. ISBN 85-262-1936-7

PAIVA, W. A. **A formação do homem no Emílio de Rousseau.** Educação e Pesquisa. São Paulo/, v.33, n2, p.323-333, maio/ago.2007

PATTO, M. H. S. **A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebeldia.** 4ª Ed. Intermeios- São Paulo/SP, 2015. INBN 978-85-8499-021-4

SANTOS, C. G. **Roteiro para elaboração de Memorial/**compilado por Gilmar carolino Santos. – Campinas, SP: Graf. FE, 2005 – Produzido no Brasil Abril – 2005 -04 -26 ISBN: 85-86091

SOUZA, R. M.Q. **Fracasso Escolar, a Construção de um Tema. Múltiplas Leituras,** v. 4, p. 53-69, 2011.Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/viewFile/25667/2517>